Da ignorância

Renato Gonçalves da Silva

Começo com uma confissão que demorei muitos anos para fazer: sou ignorante. Digo isso sem modéstia fingida. Passei a vida estudando, lendo, ouvindo gente, examinando papéis, defendendo causas alheias, e cada ano que passa me revela um pedaço novo daquilo que eu não sei. Houve um tempo em que essa descoberta me assustava, porque eu achava que a idade deveria trazer respostas. Hoje ela me consola. Aprendi que existe uma ignorância honesta, que sabe do próprio tamanho e por isso continua procurando, e existe outra, escura e teimosa, que se julga completa. A primeira me acompanha com humildade. A segunda eu vigio todos os dias, porque sei que ela também mora em mim.

Essa segunda ignorância raramente se apresenta com o próprio nome. Ela se veste bem, fala alto, tem opinião sobre tudo. Às vezes usa toga, às vezes usa batina, às vezes usa a farda de um partido ou o crachá de uma empresa. Pode estar na boca de um homem culto e pode estar na boca de um analfabeto. O que a denuncia é um certo modo de olhar o mundo, como se ele já estivesse inteiramente explicado e nada mais restasse a aprender. Quem chega a esse ponto parou de crescer, ainda que continue envelhecendo.

Nos corredores dos fóruns vi essa ignorância de perto, muitas vezes. Vi irmãos que brincaram juntos na infância se destruírem por causa de uma casa deixada pela mãe. Cada um tinha certeza absoluta de estar com a razão, cada um contava a história da família de um jeito, e nenhum dos dois conseguia sequer imaginar que o outro também tivesse sofrido. O processo durou anos. A casa, abandonada, foi se desfazendo com o tempo, o telhado cedeu, o mato tomou o quintal onde eles corriam quando eram meninos. No fim, ganhou quem ganhou, e os dois perderam o que tinham de mais valioso, que era um ao outro. Ninguém ali era mau. Eram apenas pessoas que nunca tinham aprendido a enxergar além da própria dor.

Penso muito nisso. Grande parte do sofrimento que um ser humano causa a outro nasce dessa incapacidade de ver. A crueldade deliberada existe, eu sei, mas ela é mais rara do que parece. O que mais encontro é gente machucando os outros convencida de estar fazendo o certo. O pai que humilha o filho acreditando que assim o prepara para a vida. A mulher que envenena a família com desconfiança porque um dia foi traída e jurou nunca mais ser enganada. O homem que despreza quem

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização do autor.

pensa diferente porque aprendeu, desde cedo, que existe um único caminho e que todos os outros levam à perdição. Cada um deles carrega uma razão. E cada um, preso dentro dela, deixa de perceber o estrago que vai espalhando pelo caminho.

Mas a crueldade deliberada existe, e é preciso ter coragem de olhar para ela de frente. Há uma ignorância que, ao se sentir pequena, procura alguém ainda menor para pisar. Ela encontra prazer na dor alheia, se diverte com o constrangimento do outro, se alimenta da humilhação de quem não pode reagir. Chamo isso, sem rodeio, de sadismo do ignorante. E talvez seja a forma mais degradada que a ignorância pode assumir.

Sempre me impressionou a figura de quem bate em um cego. Volto a ela muitas vezes, porque me parece resumir tudo. O cego não vê de onde vem o golpe, não conhece o rosto de quem o agride, não pode se defender nem apontar o agressor depois. Quem bate nele escolheu exatamente isso. Escolheu a vítima que não pode olhar de volta. Há nesse gesto uma covardia tão funda que acaba sendo reveladora, porque o agressor, no íntimo, não suportaria ser visto. Bate no escuro porque teria vergonha da própria cara, ainda que nem saiba disso.

E cegos, na vida, são muitos. O velho que já não entende as máquinas do banco e é tratado com impaciência e deboche. A criança que ainda não tem palavras para contar o que sofre dentro de casa. O empregado que precisa do salário e engole calado a humilhação diária do chefe. O doente, o pobre, o estrangeiro que não domina a língua, a mulher que depende do marido para pôr comida na mesa dos filhos. O bêbado caído na calçada, que vira motivo de riso e de vídeo no celular. Cada um deles, de algum modo, está impedido de reagir. E é justamente por isso que atrai o sádico, que nunca escolhe adversário do próprio tamanho.

Já vi isso acontecer onde menos se esperaria. Numa roda de homens bem-vestidos, rindo de um garçom que trocou o pedido. Numa sala de aula, onde um menino gago virou alvo da turma inteira, enquanto o professor fingia não ouvir. Numa família, onde um dos filhos foi escolhido, sabe-se lá por quê, para ser o depósito das frustrações de todos os outros. O riso coletivo tem algo de terrível, porque dilui a responsabilidade. Cada um ri só um pouco, cada um acha que a própria risada não pesa, e no fim uma pessoa volta para casa em pedaços, carregando sozinha a soma de todos aqueles risos pequenos.

O que move o sádico, quase sempre, é uma miséria interior que ele não tem coragem de encarar. Quem se sente inteiro não precisa diminuir ninguém. Quem pisa no mais fraco está, sem perceber, confessando a própria fraqueza. Talvez tenha

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização do autor.

sido pisado um dia e jamais tenha cuidado dessa dor. Talvez nunca tenha recebido de alguém um olhar que o tratasse como digno. Talvez carregue uma humilhação antiga que tenta, a todo custo, transferir para outro, como quem passa adiante uma brasa que lhe queima a mão. Compreender isso não diminui em nada a gravidade do que ele faz. Apenas mostra que o mal, muitas vezes, é uma ferida que se recusou a ser curada e preferiu se espalhar.

E há uma ironia que me parece a mais amarga de todas. Quem bate em um cego é mais cego do que a sua vítima. O cego não enxerga a luz, mas pode perceber o outro com uma delicadeza que muitos de olhos abertos jamais alcançarão: reconhece a voz, sente a mão que ajuda, adivinha a tristeza num silêncio. O agressor tem olhos perfeitos e não vê coisa alguma. Não vê a humanidade de quem fere, não vê o vazio que o empurra, não vê o homem miserável em que vai se transformando a cada golpe. A cegueira dos olhos, o cego não escolheu. A do agressor, ele a renova todos os dias, cada vez que poderia parar e não para.

Há uma forma de ignorância que me parece ainda mais triste, e é aquela que temos sobre nós mesmos. Atravessamos décadas sem saber por que certas palavras nos ferem tanto, por que repetimos os mesmos erros com pessoas diferentes, por que escolhemos sempre o mesmo tipo de sofrimento. Atribuímos tudo ao acaso, aos outros, à má sorte. Raramente temos coragem de descer até o porão da própria alma, onde estão guardados os medos da infância, as frases que ouvimos sem entender, as feridas que fecharam por fora e continuam abertas por dentro. Quem não se conhece acaba sendo conduzido por forças que nem sabe que existem. Pensa que decide, mas na verdade obedece.

Muitas vezes só compreendemos nossos pais quando chegamos à idade que eles tinham quando mais os julgamos. Aquela dureza que nos parecia frieza revela-se cansaço. Aquele silêncio que nos parecia indiferença revela-se medo. Aquele dinheiro contado que nos parecia mesquinharia revela-se a angústia de quem não sabia se haveria comida no mês seguinte. Quando finalmente entendemos, às vezes eles já partiram, e fica um pedido de desculpas guardado no peito, sem destinatário. Essa é uma das faces mais dolorosas da ignorância: ela nos impede de amar direito as pessoas certas, no tempo certo.

Penso também no que a ignorância faz dentro das relações mais próximas. Conheço casais que dividiram a mesma cama por quarenta anos e nunca chegaram a se conhecer. Sabiam o gosto do café um do outro, o lado da cama, o horário dos remédios. Mas não sabiam dos sonhos abandonados, das tristezas caladas, das coisas

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização do autor.

que o outro gostaria de ter dito e nunca disse por medo de não ser compreendido. Viveram lado a lado como dois desconhecidos bem-educados. E quando um deles partiu, o que ficou percebeu, tarde demais, que tinha convivido a vida inteira com um retrato, e quase nada com a pessoa.

Isso acontece porque, na maior parte do tempo, nos relacionamos com a ideia que fazemos dos outros. Montamos um retrato de alguém nos primeiros encontros e depois deixamos de olhar. O filho cresce, muda, sofre, e os pais continuam vendo o menino de dez anos. O amigo atravessa uma crise silenciosa e seguimos tratando-o como o sujeito alegre de sempre. O colega de trabalho perde alguém querido e ninguém percebe, porque ninguém nunca perguntou, de verdade, como ele estava. Nas relações, a ignorância é antes de tudo uma falta de atenção. Deixamos de olhar porque achamos que já sabemos.

Daí nascem os mal-entendidos que corroem as amizades, as mágoas que ninguém explica, os afastamentos que começam com uma palavra mal interpretada e terminam num silêncio de anos. Quantas vezes meia hora de conversa franca teria evitado uma ruptura para sempre? Mas essa conversa exigiria que eu admitisse não saber o que o outro pensou, o que sentiu, por que agiu daquele modo. É mais fácil supor. E a suposição é a ignorância vestida de entendimento, a mais traiçoeira de suas roupas, porque nos permite julgar sem nunca ter perguntado.

E ela é confortável, isso precisa ser dito. Pensar dá trabalho. Duvidar das próprias convicções dá medo, porque muitas delas sustentam a nossa identidade, e sem elas não saberíamos quem somos. Reconhecer um erro fere o orgulho. Então preferimos o abrigo da multidão, onde ninguém precisa pensar sozinho. Repetimos o que ouvimos, odiamos quem nos ensinaram a odiar, rimos do que não compreendemos. A multidão nunca pede desculpas, porque ali a culpa é de todos e, portanto, de ninguém.

Hoje temos acesso a mais informação do que qualquer geração antes da nossa. Um menino com um telefone na mão alcança em segundos o que um sábio antigo levaria a vida inteira para encontrar. E, no entanto, não me parece que estejamos mais lúcidos. Talvez estejamos apenas mais barulhentos. Informação acumulada sem reflexão não ilumina coisa alguma. Pode até cegar, porque dá a sensação de saber, e essa sensação é justamente o que nos impede de continuar buscando. Nunca foi tão fácil confirmar aquilo em que já acreditamos, e nunca foi tão raro alguém mudar de ideia.

Já me perguntei muitas vezes de onde vem essa resistência. Acho que vem do

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização do autor.

medo. Abrir-se para o que não sabemos é aceitar que o chão pode se mover sob os nossos pés. É admitir que talvez tenhamos vivido anos inteiros apoiados em ideias frágeis. É reconhecer que o outro, aquele que desprezamos, pode ter visto alguma coisa que nos escapou. Para muita gente isso é insuportável. Preferem a escuridão conhecida à claridade que exige mudança.

Mas a ignorância não se vence com desprezo. Quem tenta arrancar o outro da escuridão aos gritos só consegue fazê-lo fechar ainda mais os olhos. Aprendi, com mais tropeços do que acertos, que a luz entra devagar. Entra pela escuta paciente, por uma pergunta feita com respeito, pelo exemplo silencioso de quem age com coerência. Entra quando alguém se sente compreendido antes de ser corrigido. Ninguém abandona as próprias trevas porque foi humilhado por elas.

E começa sempre por dentro. Antes de lamentar a ignorância alheia, preciso olhar para a minha. Perguntar a mim mesmo onde estou sendo duro sem necessidade, em que ponto parei de escutar, que certezas carrego por puro hábito, quem eu julguei sem conhecer. Essas perguntas incomodam, e é bom que incomodem. O dia em que elas deixarem de me incomodar será o dia em que eu terei me instalado de vez na minha própria caverna.

Com o passar dos anos fui ficando mais lento para condenar e mais rápido para perguntar. Não sei se isso é sabedoria ou apenas cansaço. Talvez seja um pouco dos dois. Sei que hoje, quando alguém me fere, procuro lembrar que essa pessoa também carrega suas sombras, e que talvez esteja fazendo o melhor que consegue com a pouca luz que recebeu. Isso não apaga o mal que ela fez. Mas me livra de responder com mais escuridão.

Se tivesse que deixar uma única coisa aos meus netos, não seria uma lista de respostas. Seria o hábito de perguntar. A coragem de dizer “não sei” sem vergonha. A disposição de mudar de ideia quando a vida mostrar outro caminho. E a ternura de lembrar que todos nós, sem exceção, estamos tateando no escuro, uns com um pouco mais de luz, outros com um pouco menos, todos tentando encontrar a saída.

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização do autor.

A ignorância é a mais antiga das nossas companheiras. Nascemos nela e, de algum modo, morreremos ainda carregando uma parte dela. O que se espera de nós, creio, é que a cada dia ela ocupe um pouco menos de espaço. Que amanhã sejamos um pouco menos cegos do que hoje. E que, ao sairmos um passo da sombra, tenhamos a delicadeza de voltar e estender a mão a quem ainda não encontrou o caminho.

Avaré/SP, 26 de outubro de 2026.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva



© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização do autor.